

Vamos procurar resumir, em poucas palavras, a abordagem metodológica desenhada no projeto *Paisagens do fogo: Uma história política e ambiental dos grandes incêndios em Portugal*, que terá a duração de três anos com início no próximo mês. A Ana Isabel e eu somos os porta-vozes de uma equipa de seis pessoas que montou em conjunto este projeto. O objectivo global é entender o novo regime de grandes incêndios rurais numa perspectiva histórica, entre 1950 e o ano 2020, explorando conexões socioecológicas e também politico-científicas.

Para começar necessitámos de vários pontos de partida, que não são, pelo menos por agora, convergentes ou explicativos. Estabelecem hipóteses de trabalho, formuladas colectivamente e, portanto, multidisciplinarmente, e estabelecem também inícios narrativos potenciais e um recorte cronológico. < > Mira Galvão estabelece nesta passagem uma hipótese agroecológica diacrónica, relacionando o uso do solo com a incidência do fogo, que nos permite, aos dias de hoje, vislumbrar um longo arco: matos e incêndios no início de 1900, trigo e ausência de fogo a meio do século e, por fim, novamente matos e incêndios no final do século XX.

Porém, uma primeira indagação de aspectos sociais relativos aos incêndios, a partir das instituições, faz aparecer outras hipóteses que parecem contar outra história do fogo, centrada em conflitos entre o Estado e as populações rurais e

numa inesperada história científica do fogo, que está também por fazer. < >

Por todos estes motivos, agrícolas, ecológicos, sociais e políticos, pareceu-nos que a década de 1950 era o momento ideal para começar uma história das paisagens do fogo.

O fogo resulta, como sabemos, de uma reacção química designada por combustão, que tem sido circunscrita e estudada à escala da paisagem enquanto regime de fogo, isto é, através de indicadores quantitativos da incidência dos incêndios numa determinada região (tais como a área ardida média, a frequência ou as “preferências” do fogo). Ao colocar o fogo no centro de uma história socioecológica surgem diferentes fios de pesquisa, quer temáticos quer disciplinares, cujo desenvolvimento, conexão e, por fim, síntese é o objectivo do projeto. Esta malha de assuntos, hipóteses, métodos, em suma, de diferentes usos dados ao fogo – agrícolas ou pastoris, de resistência ou criminais, científicos ou políticos – promove a transformação conceptual do fogo, enquanto objeto de estudo, dispondo-o às práticas de investigação em história ao mesmo tempo que o conserva, assim o desejamos, como objecto de análise biofísica. O fogo configura-se, neste projeto, como um sujeito histórico.

Este diagrama pretende sintetizar a perspectiva conceptual e metodológica do FIREUSES, do qual destacamos alguns aspectos. < > Foram seleccionados dois focos de observação, duas paisagens do fogo distintas, a serra de

Monchique e as serras da Lapa e Leomil, sobre as quais vamos aplicar três eixos de análise que correspondem, digamo-lo assim, a diferentes “camadas” de paisagem. Trata-se, em suma, de um eixo agroecológico, um eixo político-científico, que inclui a escala nacional, e um eixo sociocultural. No segundo destes eixos, que ilustra bem a subjectivação referida, pretende-se mapear a emergência dos incêndios enquanto problema central nos discursos políticos e científicos sobre a ruralidade portuguesa, interrogando o modo como as políticas estatais, assim como os quadros científicos, responderam mas também moldaram as “paisagens do fogo”. Também as representações da paisagem, que encontramos em diferentes objetos literários, são consideradas fontes relevantes para a compreensão de dimensões culturais, políticas e ecológicas. No caso de Lapa-Leomil, Aquilino Ribeiro é um autor valioso.

Durante a recollecção inicial de métodos de trabalho e de pontos de observação, que aqui designámos oportunamente pela expressão inglesa de *vantage point*, percebemos que a figura do incendiário e o seu ponto de vista, tão desconhecido como marginal, poderia acrescentar, em relação a outros pontos de observação, uma enorme riqueza (sociológica, política e, muito provavelmente, paisagística) à história do fogo e à história rural e agroflorestal portuguesa. Como primeira abordagem, vamos analisar sistematicamente processos de acusação por crime de incêndio rural, da década de 1950 até hoje.

Conhecer a história das paisagens do fogo em Portugal é um desafio empírico mas também metodológico, que terá, esperamos, implicações nos modos de produzir e habitar a paisagem, nas formas de produção de conhecimento (das ciências do fogo às ciências e história da paisagem), mas também no próprio entendimento do que definimos como paisagem. A pensar nestas várias implicações, o projeto FIREUSES contempla duas vias paralelas para integração de resultados: uma de feição mais técnica, que se dirige aos gestores da paisagem e aos produtores de políticas e uma segunda de síntese crítica, que aponta para uma política do fogo (agora em sentido lato) nas serras de Portugal e para a renovação da historiografia do espaço rural português. Para tal, é necessário, em linhas gerais, pensar as várias conexões entre paisagem e fogo enquanto problema de conhecimento histórico e pensar também, seguidamente, essa história da paisagem como uma história do presente que interroga os processos que controlam hoje a reprodução das paisagens do fogo. Neste sentido, a história do fogo pode entregar-nos, no final, uma paisagem aumentada. Sem uma perspectiva histórica corremos o risco, hoje patente, de excluir o fogo da paisagem para que este volte sempre a ela, como elemento indesejado mas constituinte: as paisagens do fogo.

Por fim, e como corolário, concluiremos respondendo à proposta de relacionar a definição oferecida pela Convenção Europeia da Paisagem, e vertida para o direito nacional pelo Decreto nº 4/2005 (art.1º), com a utilização do conceito no

projeto FIREUSES. “Paisagem” designa uma “parte do território”:
trabalharemos em duas áreas, duas paisagens distintas, dois estudos de caso; tal como é “apreendida pelas populações”: olharemos para “populações”, analisando-as como um conjunto heterogéneo com diferentes pontos de vista, correspondendo a diferentes interesses, presenças e percepções e a diferentes escalas espaciais, ao longo do período de estudo; resultante “da ação e interação de fatores naturais e/ou humanos”: tendo o fogo como objeto de estudo, analisaremos essas relações numa perspectiva socioecológica e as suas mudanças e persistências no tempo.